



Revista Educação em Questão

ISSN: 1981-1802

eduquestao@ce.ufrn.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Brasil

Carlos Aldemir Farias; Manoel Honório Romão
Para ler o mundo no fluxo do presente: a pesquisa como ato político
Revista Educação em Questão, vol. 58, núm. 55, 2020, Enero-Marzo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2020v58n55ID20052>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563974914025>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto



Para ler o mundo no fluxo do presente: a pesquisa como ato político

To read the world in the flow of the present: research as a political act

Para leer el mundo en el flujo del presente: La investigación como acto político

Carlos Aldemir Farias

Universidade Federal do Pará (Brasil)

Manoel Honório Romão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

FRANÇA Fagner Torres de; ALMEIDA Maria da Conceição de. **Sociologia do presente, ciências da cultura, complexidade**. Natal: EDUFRN, 2019.

As palavras do prefaciador Juremir Machado da Silva sintetizam bem o livro objeto dessa resenha. “Alguém poderia imaginar que todo procedimento científico é complexo por definição e necessidade. Deveria ser. Em certo sentido, sempre é. Mesmo assim, ao longo dos séculos, nesses tempos da modernidade arrogante, a ciência foi sendo mutilada por processos de simplificação. Fagner Torres de França e Maria da Conceição de Almeida, em *Sociologia do presente, ciências da cultura, complexidade*, traçam uma arqueologia desse reducionismo e, inspirados pelo pensador da complexidade, Edgar Morin, defendem uma ciência aberta, sensível, compreensiva, generosa e complexa” (SILVA, 2019, p. 9).

Dividido em três partes: “Para uma sociologia do presente”, de autoria de Fagner Torres de França, “Para uma antropologia fundamental”, de autoria de Maria da Conceição de Almeida e “Experiência mestiça” – um ensaio escrito a quatro mãos –, o livro é composto por doze ensaios e apela para uma ciência e um pesquisador que têm o que dizer ao mundo no tempo presente. Um mesmo propósito transversaliza todo o livro: afastar-se dos critérios canônicos tidos como protocolos garantidores da leitura rigorosa sobre



os fenômenos investigados. Isso porque, como sabemos, especialmente, nas Ciências Humanas e Sociais, é sempre esperado que o corte temporal para estudar um fenômeno atenha-se ao passado. Assim, as pesquisas possuem, quase sempre, uma natureza diagnóstica, uma leitura dos fatos sociais *a posteriori*. Dessa perspectiva, o pesquisador se assemelha ao médico legista que faz a autópsia de um cadáver.

Uma Sociologia do presente, ao contrário, vale-se de uma estratégia de método que privilegia o fenômeno “vivo”, enquanto se desenrola, flui; enquanto se modifica. Daí o porquê da denominação de Edgar Morin de “método in vivo” em contraposição a um método “in vitro”. Essa perspectiva permite ao pesquisador observar o “detalhe revelador”, a “enzima”, o “fermento” de onde possa emergir outra sociedade, outra forma de viver, de fazer ciência e educação.

É disso que trata, mais substancialmente, Fagner França, na parte I do livro, tendo por referência três importantes registros de pesquisa de Edgar Morin na década de 1960: a pesquisa em uma comunidade de pescadores na região da Bretanha, França (MORIN, 1967), o movimento de revolta estudantil nas ruas de Paris (Maio 68: La Brèche [MORIN, 1968]), em colaboração com Claude Lefort e Cornelius Castoriadis e La Rumeur d’Orléans (MORIN, 1969).

Conforme Fagner França, no caso da pesquisa com pescadores, Edgar Morin afirma que, ao estudar um acontecimento circunscrito a um local, a uma comunidade, era possível, por meio daquele fragmento, relacioná-lo à História geral da França. No caso da pesquisa sobre O rumor de Orleans, trata-se de observar como, por meio de um boato sobre o desaparecimento de mulheres nos provadores de roupas em lojas de judeus, torna-se possível investigar a perseguição desse grupo social na Europa.

É, pois, na perspectiva de uma Sociologia do presente que é possível afirmar o método “in vivo” como uma prática de pesquisa que politiza a construção do conhecimento nas áreas das Ciências Humanas e da Educação. O livro sinaliza conceitos de “acontecimento” e “emergência” como operadores cognitivos importantes acerca de uma Sociologia do presente. Tais conceitos, trabalhados por filósofos como Gilles Deleuze e Félix Guattari, por vezes foram vulgarizados pela linguagem comum, no interior da própria Ciência e Filosofia. O conjunto de textos da parte I detém-se nesses conceitos, repondo a



sua potência e chamando a atenção dos cientistas sociais e, de modo geral, dos pesquisadores das áreas das Humanidades e da Educação para a importância das pesquisas que interagem com o fato enquanto acontece, uma vez que é quase sempre do improvável, acidental, aleatório e singular que emergem outros devires sociais.

Na parte II do livro, “Para uma antropologia fundamental”, Conceição Almeida recupera, por meio de temas diversos, a importância do pensamento francês no Brasil como enzima da desordem esquecida nas Ciências Humanas; a potência da imaginação criadora e radical; a concepção de complexidade como uma estética da vida instauradora de uma ética da incerteza; as coleções científicas como exemplos de reatualização das emergências da condição humana; a relação de simbiose entre arte e espiritualidade; a indissociabilidade e ambiguidade entre o pesquisador e o tema-fenômeno por ele estudado – objetos que podem ser entendidos como fundamentos do pensamento complexo, edificado, sobretudo, por Edgar Morin e no interior do qual faz sentido uma Sociologia do presente.

Para Conceição Almeida, a pesquisa supõe uma atitude política e requer a imersão do pesquisador no fenômeno, trata-se de um ato terminal, uma atitude que impõe a coragem de superação e a metamorfose permanente do pesquisador. Esse é o meta-argumento que religa o conjunto dos textos da segunda parte do livro.

“Experiência mestiça”, última parte do livro, apresenta um ensaio escrito a quatro mãos sobre o filme *Crônica de um verão*, dirigido por Edgar Morin e Jean Rouch na década de 1960, momento em que o cinema é visto como uma experiência sociológica.

Referências

- MORIN, Edgar. **Commune en France**: la métamorphose de Plozévet. Paris: Fayard, 1967.
- MORIN, Edgar. **Maio 68**: La Bréche. Em colaboração com Claude Lefort e Cornelius Castoriadis. Paris: Fayard, 1968.
- MORIN, Edgar. **La Rumeur d'Orléans**. Paris: Le Seuil, 1969.
- MORIN, Edgar. **Maio de 68**: a brecha (em colaboração com Claude Lefort e Cornelius Castoriadis). Tradução Anderson Lima da Silva e Martha Coletto Costa. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.



SILVA, Juremir Machado da. **Prefácio**. In: Sociologia do presente, ciências da cultura, complexidade. Natal: EDUFRN, 2019.

Prof. Dr. Carlos Aldemir Farias

Universidade Federal do Pará (Brasil)

Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas

Grupo de Pesquisa sobre Práticas Socioculturais e Educação Matemática

Grupo de Pesquisa Estudos da Complexidade (GRECOM)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5463-1316>

E-mail: carlosfarias1@gmail.com

Mestrando Manoel Honório Romão

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

Programa de Pós-Graduação em Educação

Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7943-2329>

E-mail: oiromao@gmail.com

Recebido 28 nov. 2019

Aceito 11 fev. 2020